
Hélio Melo
IPHAN



Hélio Melo

Organização: Deyvesson Israel Alves Gusmão, Moema Queiroz, Flávia Burlamaqui, Márcio Carvalho.
Rio Branco – Iphan – 2021

Presidente da República do Brasil
Jair Bolsonaro

Ministro do Turismo
Gilson Machado Neto

Secretário Especial da Cultura
Mário Luís Frias

Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Larissa Peixoto

Diretores do Iphan
Arlindo Pires Lopes
Arthur Lázaro Laudano Bregunci
Leonardo Barreto de Oliveira
Raphael João Hallack Fabrino
Tassos Lycurgo Galvão Nunes

Superintendente do Iphan no Acre
Amanda da Costa Vasconcelos

Departamento de Cooperação e Fomento
Raphael Hallack Fabrino

Divisão de Editoração e Publicações
Bruna da Silva Ferreira

Organização
Deyvesson Israel Alves Gusmão
Moema Queiroz
Flávia Burlamaqui
Márcio Carvalho

Revisão
Moema Queiroz
Flávia Burlamaqui

Fotografia
Talita Oliveira
Mário Marques

Fotos da capa
Val Fernandes

Projeto gráfico
Selene Fortini

Revisão de projeto gráfico
Ronaldo Nogueira
David Arantes

Arte-finalização
David Arantes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Aloísio Magalhães, IPHAN

H475

Hélio Melo / organização: Deyvesson Israel Alves Gusmão [et al.]. – Dados eletrônicos (1 arquivo PDF : 36 megabytes). – Rio Branco : IPHAN, 2021.
119 p.
Modo de acesso: https://www.gov.br/iphan/pt-br
ISBN: 978-65-86514-44-5

1. Pintura. 2. Amazônia. 3. Costumes I. Gusmão, Deyvesson Israel Alves.

CDD 750

Elaborado por: Odilé Mª M. Viana de Souza – CRB-1/2120

Instituto do Patrimônio Histórico
e Artístico Nacional
www.iphan.gov.br
publicacoes@iphan.gov.br
iphan-ac@iphan.gov.br

Sumário

Apresentação 8

O Estilo da obra de Hélio Melo 11

Hélio Melo por Fátima Melo 15

Obras 17

Lendas da mata 54

Os mistérios da mata: do seringueiro para o seringueiro - Ilustrações 108

Bibliografia 118

"Desenhar é um dom dado por Deus
Se assim não fosse todo mundo desenhava
Existia tanto desenho no mundo
Que ninguém apreciava

Muitas pessoas pensam
Que o desenho precisa de formação
Mas eu afirmo que não
Não pode haver impasse
Cada qual para o que nasce
Já vem do berço a vocação

Mas que somos todos iguais
Sendo artista ou não
Os dons são diferentes
E cada ser tem seu prestígio
O seu valor
Pois até o observador pode ser artista
Em ser especialista no sentido de avaliação

Hoje não tenho onde morar
Não, não, não
Na floresta o meu barraco
Era coberto de jaci
Seringueira companheira
Sustentava meus guris

Mas de repente
Tudo se modificou
No lugar do homem
Foi o gado que ficou

Mas não esqueça
Existe uma justiça fiel
Quem desconsidera o pobre
É punido lá no céu"

Hélio Melo

Apresentação

Hélio Melo nasceu em julho de 1926, no município de Boca do Acre, sul do Amazonas. O artista foi um grande expoente da cultura e identidade amazônida em um período marcado pela marcha para o oeste e o neocolonialismo da Amazônia brasileira. Em sua trajetória destacou-se como artista plástico, músico, compositor, poeta e escritor.

Descendente de imigrantes nordestinos advindos do primeiro surto da economia da borracha, dedicou as primeiras décadas de sua vida ao corte da seringa, tal qual seus familiares, trabalhando na extração e comercialização gumífera nos seringais Floresta e Senápolis, e partindo, posteriormente, para a capital acreana já na segunda metade do século XX, após a morte dos seus pais e o declínio dos seringais.

Em Rio Branco, no Acre, tornou-se colecionador de causos e possuidor de muitos ofícios, atuando como catraieiro - condutor de pequenas embarcações impulsionadas pela força do remo, voltadas para o transporte de pessoas e/ou mercadorias de um lado ao outro do rio -, barbeiro e vigia.

Nas artes, Hélio Melo foi autodidata e primava por utilizar pigmentos e resinas extraídas da floresta em suas pinturas. Destacou-se, também, pela maneira singular de representar a vida cotidiana nos seringais amazônicos, explorando cenas do imaginário coletivo, figuras folclóricas relacionadas com a vida na floresta e expondo temas atinentes aos conflitos sociais e ecológicos que eclodiam naquele período, sobretudo em face das transformações da vida extrativista amazônica em função dos avanços da agropecuária, do desmatamento e o crescimento urbano desenfreado.

Na literatura não foi diferente. Através dos seus livros e cartilhas, soube situar o leitor àquela realidade vivida por muitos amazônidas, ora apresentando textos, estórias e poesias

em razão da vida na floresta, ora tecendo críticas aos conflitos socioambientais que surgiram aos montes nos seringais acreanos após o declínio da economia da borracha.

Sua arte, música e literatura foi capaz de instaurar novos varadouros de resistência e comunicação, transmitindo e difundindo diversos elementos da memória coletiva tão caros a manutenção da identidade dos seringueiros e amazônidas residentes no estado do Acre.

Dada a relevância das obras desse artista, a Superintendência do Iphan no Acre seguiu no intento de produzir e compilar o Catálogo das Obras de Hélio Melo. Este livro é fruto de uma conjugação de esforços entre técnicos e pesquisadores multidisciplinares durante a ação de "Inventário das Obras de Pintura, de Desenho e outras artes de Hélio Melo", realizado entre os anos de 2012 e 2014.

O resultado foi o resgate de um apanhado de belas imagens que seguirão eternizando cenas de uma Amazônia pouco conhecida fora dos seus rincões.

Nas páginas que se seguem, o leitor poderá vislumbrar uma fração da importância e magnitude das obras do artista, passeando por cenários onde homens, mulheres e crianças seringueiras coabitam com seres místicos e encantados, assim como nos convidam a conhecer as nuances da sua vida cotidiana nas cidades e seringais amazônicos do século XX.

Arlan Hudson Souza e Silva
Thais Possenti Pinto Dias



O Estilo da obra de Hélio Melo

Moema Nascimento Queiroz
Josiane Figueiredo Nascimento
Denise Lampert

Nascido na cidade de Boca do Acre, 1926, trabalhou inicialmente como seringueiro, no seringal Senapólis, catraieiro, na travessia de pessoas entre as margens do rio Acre, barbeiro e vigia de empresa estatal. Cursou até a terceira série do 1ª grau e, aos oito anos de idade, já desenhava, como pintor autodidata, utilizando o nanquim e tintas naturais que preparava a partir do sumo que extraía de plantas. O artista exclusivamente desenvolveu sua pintura retratando a paisagem e o cotidiano do Acre desde o início de sua obra, sempre utilizando materiais encontrados na região, principalmente o suporte de papel e pigmentos extraídos da natureza. Quando saiu do seringal, passou a utilizar outros materiais, suporte de tela sobre chassi, papel cartão colorido, Eucatex e compensado, pigmento pó xadrez, água e cola vinílica como aglutinante. Realizou pinturas sobre encomendas em suportes de metal e pinturas murais, utilizando-se, portanto, de outros materiais pictóricos, mas sempre com as mesmas cores e tonalidades.

Suas obras, por retratarem o cotidiano, possuem forte característica estilística do naturalismo, com tendências ao simbolismo e com forte carga expressiva, porém bastante individualizadas e próprias do artista. Seus desenhos não possuem um aprimoramento erudito, no entanto, o artista desenvolveu com maestria um desenho de observação e possuía grande domínio ao retratar a natureza. No período compreendido entre as décadas de 1980 e 1990, preocupou-se muito em captar a realidade social da região, seu folclore e crendices.

O artista se preocupava com a qualidade estética e formal da composição de suas pinturas para retratar o tema com mais clareza e intencionalmente chamar a atenção do observador para todas as áreas da obra. Desta forma, cuidava em repassar seus sentimentos relativos

à sua terra, seu povo, suas características, por meio de sua gestualidade nas pinceladas, nas cores repetidas, nas tonalidades, buscando imprimir à cena, o clima e o sentimento do momento, e, por vezes com representações bem expressivas, utilizando-se de recursos visuais e formais, tais como: posicionamento dos personagens, tipos de vestuário e a utilização de alguns objetos. Quando entrou em contato com outros materiais, não abandonou suas características principais, mas passou a se utilizar de alguns recursos oferecidos por estes novos materiais para expressar ainda mais seus sentimentos de contrariedade pela situação vivida e experimentada por ele em sua terra natal. Por ser autodidata, utilizou estes recursos de uma forma simples, mas não ingênua, sabendo o que realmente pretendia realizar. Provavelmente, alguns fatores contribuíram ainda mais para esta situação, sua condição econômica e as condições de sua região, onde poucas eram as suas opções de escolha do material, e quando estas existiam os altos valores o impediam, provavelmente, de utilizá-las. Outro fator, e o mais provável, poderia ser que o artista não queria abrir mão na utilização dos recursos oferecidos pela natureza, pois, era mais uma de suas características marcantes, assim conseguia realmente passar com mais expressividade e naturalismo, o cotidiano e representar a natureza, as paisagens locais e a simplicidade de seu povo.

Portanto, partindo-se destas observações, concluímos que em nada de ingênuo estão inseridas as suas obras. Trata-se de um artista autodidata, com grande poder de observação, facilidade expressiva, técnica apurada, muita facilidade no desenho, na perspectiva e na composição dos temas, na busca da atenção pelo olhar do observador e no fechamento deste olhar para dentro de suas obras ao se utilizar dos recursos da delimitação das áreas e da distribuição dos pesos visuais, na definição e distribuição agradável dos planos, da utilização de seus traços fortes, na intenção em deixar sua assinatura destacada e em forma de placa. Enfim, o artista sabia o que estava fazendo, transmitia a realidade e a natureza de seu cotidiano e de sua região com um estilo próprio e marcante, presentes em todas as suas obras.

Hélio Melo saiu de uma tendência estética “oficial”, partindo para uma linguagem mais próxima da realidade brasileira e principalmente, de sua realidade, o que o tornou como um “retratista” dos problemas sociais de sua região, do homem do campo e do contexto que implica na relação deste homem com seu trabalho e sua sobrevivência. Podemos localizar o artista praticamente em uma só fase, a que define sua linguagem artística levando-o ao expoente de uma expressão social: o trabalho do seringueiro, suas ferramentas e as características deste ofício; a dependência do povo para com a terra; as crendices, todas relacionadas à proteção da terra; a vida do seringueiro e de sua família perante uma série de mudanças pelas quais passou o Estado do Acre e com elas as severas modificações ambientais e dos povos da região; e principalmente, todas as mudanças pelas quais passou o artista, influenciado ou não por estas mudanças, mesmo assim, sem alterar seu estilo. Continuou fiel às suas origens, deixando esta marca em suas obras, intencionalmente.

Diante do que presenciamos na obra de Hélio Melo, podemos dizer que seu estilo é naturalista, com grande expressividade popular, com tendências ao desenho muito forte e a uma pintura que remete em sua grande parte às técnicas da aquarela. Também pode ser verificada em suas obras, a preocupação com aspectos plásticos, estéticos e formais, existentes em uma pintura a óleo sobre tela com grande vigor que nos remete por vezes a temas com toques simbolistas e de grande expressividade, embora retrate a realidade pela qual sempre vivenciou.



Hélio Melo

Atuando na música, nas artes visuais e na literatura, Hélio Melo é considerado um multiartista. E para entender Helio Melo é necessário conhecer sua trajetória. Viveu 33 anos no seringal, dentro da Amazônia, após declínio da extração do látex e sem perspectiva de retorno financeiro, não lhe restou outra alternativa, senão trasladar-se a cidade de Rio Branco em 1959, onde já vivia seu pai Alberto Alves de Melo e suas duas irmãs. Trabalhou longos 11 anos como catraieiro, neste período criou um "Jornalzinho de bordo" onde divulgava fatos sociais e política da época. Com a construção da ponte Juscelino Kubistchek em 1971, todos os catraieiros ficaram desempregados, e Hélio Melo teve que se reinventar e se torna barbeiro ambulante. Mas a vida deste artista estava prestes a mudar.

Em 1975, trabalhou como vigilante noturno, e justamente nessa época que passou a aprimorar sua arte, inscrevendo-se em um curso de pintura do pernambucano Genésio Fernandes, e experimenta variados tipos de tinta e finalmente se identifica com a delicadeza da inseparável caneta bico de pena, com a tinta nanquim. Pretendendo dar originalidade às suas obras, este artista da floresta, passa a utilizar tintas naturais extraídas da própria natureza. E foi justamente essa originalidade, que chamou atenção do renomado escultor Sérgio Camargo em 1980 através de uma exposição do SESC Tijuca-RJ, comprando 17 obras. A partir dessa relação estabelecida surgiram novas oportunidades dando lugar a exposições em galerias importantes. Foram mais de setenta exposições pelo Brasil.

Em meio a essa ascensão do artista, em 1982, seu Hélio com sua diversidade artística ímpar, junto a sua grande paixão pelo violino, criou o grupo musical "Sempre Serve" alegrando as praças de Rio Branco com "chorinhos". E nesse mesmo período publicou seu primeiro livro "História da Amazonia", dando sequência a outros livros que contam a história do seringueiro.

Em 1986 recebeu se primeiro convite para exposição no exterior, no Nuevo Salon de Paris – França.

Em 1988 embarcou para Washington – USA, sua primeira viagem ao exterior expondo suas obras no Smithsonian Institute.

Em 1989, se permitiu viver novas emoções aventurando-se em uma viagem de 3 meses a Itália, expondo em Verona, Luca, Florença, Pescara e Roma. Em 2006, foi o grande homenageado na 27ª Bienal Internacional de São Paulo, a convite da curadora Lizette Lagnado e o colombiano José Roca.

Hélio Melo foi um grande representante acreano e sabiamente utilizou a floresta em suas obras, para denunciar a suas insatisfações, retratando o universo do seringueiro, a devastação de nossas florestas, as questões políticas e sociais, expondo claramente seu senso crítico, sem censura.

Fátima Melo

Obras



Mapa da estrada, 1996
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão - 55,7 X 68,3 cm
Estado do Acre, Epitaciolândia, acervo de Fátima Melo



O barracão, 1995
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 41,8 x 59,7 cm
Estado do Acre, Epitaciolândia, acervo de Fátima Melo



O serrador III, 1999
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 48,9 x 61,0 cm
Estado do Acre, Epitaciolândia, acervo de Fátima Melo



Mapa da estrada II, 1998
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 54,2 x 67,0 cm
Estado do Acre, Epitaciolândia, acervo de Fátima Melo



Tempo dos Coronéis I, 1994
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 45,2 x 62,0 cm
Estado do Acre, Epitaciolândia, acervo de Fátima Melo



O caçador II, 1996
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 64,0 x 72,0 cm
Estado do Acre, Epitaciolândia, acervo de Fátima Melo



Casa do seringueiro, 1996
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 48,4 x 55,5 cm
Estado do Acre, Epitaciolândia, acervo de Fátima Melo



Paisagem amazônica, 1994
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 37,8 x 43,6 cm
Estado do Acre, Epitaciolândia, acervo de Fátima Melo



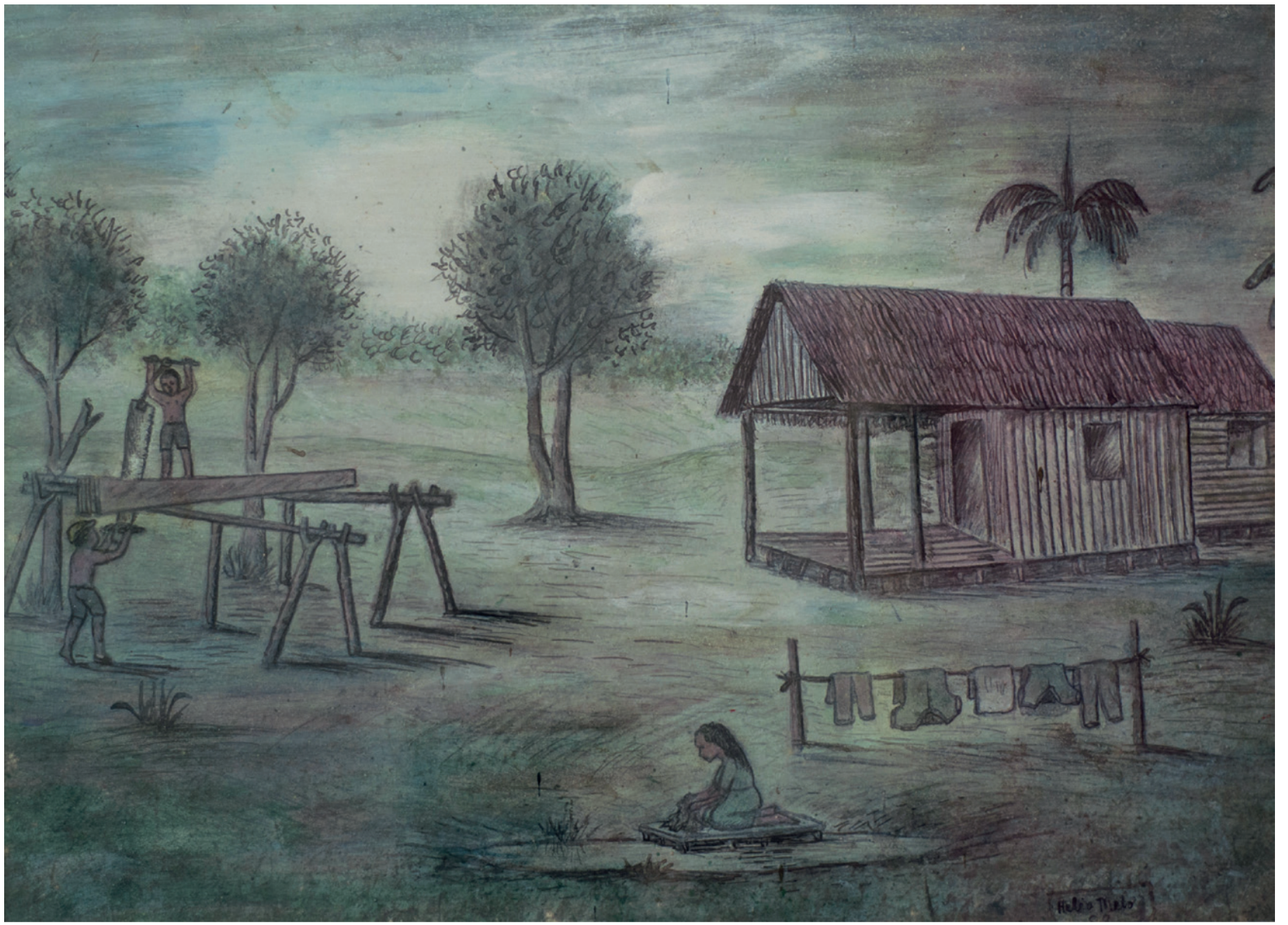
O serrador IV, 1996
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 44,6 x 51,5 cm
Estado do Acre, Epitaciolândia, acervo de Fátima Melo



O igarapé, 1994
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 42,8 x 51,4 cm
Estado do Acre, Epitaciolândia, acervo de Fátima Melo



O cachorro do deputado, 1997
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 48,4 x 55,5 cm
Estado do Acre, Epitaciolândia, acervo de Fátima Melo



O serrador II, 1998
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 48,4 x 55,5 cm
Estado do Acre, Epitaciolândia, acervo de Fátima Melo



O engenho e a prensa, 1996
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 52,6 x 62,3 cm
Estado do Acre, Epitaciolândia, acervo de Fátima Melo



Festa no seringal, 2000
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre Eucatex – 51,8 x 70,6 cm
Estado do Acre, Epitaciolândia, acervo de Fátima Melo



A visita da vaca I, 2000
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 51,8 x 70,5 cm
Estado do Acre, Epitaciolândia, acervo de Fátima Melo



O homem e o burro I, 1992
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre eucatex - 76,0 x 69,5 cm
Estado do Acre, Epitaciolândia, acervo de Fátima Melo



Caminho sem destino, 1995
Pintura sobre eucatex realizada com extratos de folhas da Amazônia, 75,40 x 103,70 cm
Estado do Acre, Epitaciolândia, acervo de Fátima Melo



O homem e o burro II, 1999
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre tela – 97,5 x 77,9 cm
Estado do Acre, Epitaciolândia, acervo de Fátima Melo



Tempo dos Coronéis II, 1995
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 76,5 x 96,1 cm
Estado do Acre, Epitaciolândia, acervo de Fátima Melo



Tirando leite da vaca, 1998
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 39,7 x 52,0 cm
Estado do Acre, Epitaciolândia, acervo de Fátima Melo



O pau da gata, 1998
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 39,2 x 51,5 cm
Estado do Acre, Epitaciolândia, acervo de Fátima Melo



O serrador I, 1996
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 29,6 x 41,5 cm
Estado do Acre, Epitaciolândia, acervo de Fátima Melo



Barracão I, 1990
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 38,7 x 50,0 cm
Estado do Acre, Epitaciolândia, acervo de Fátima Melo



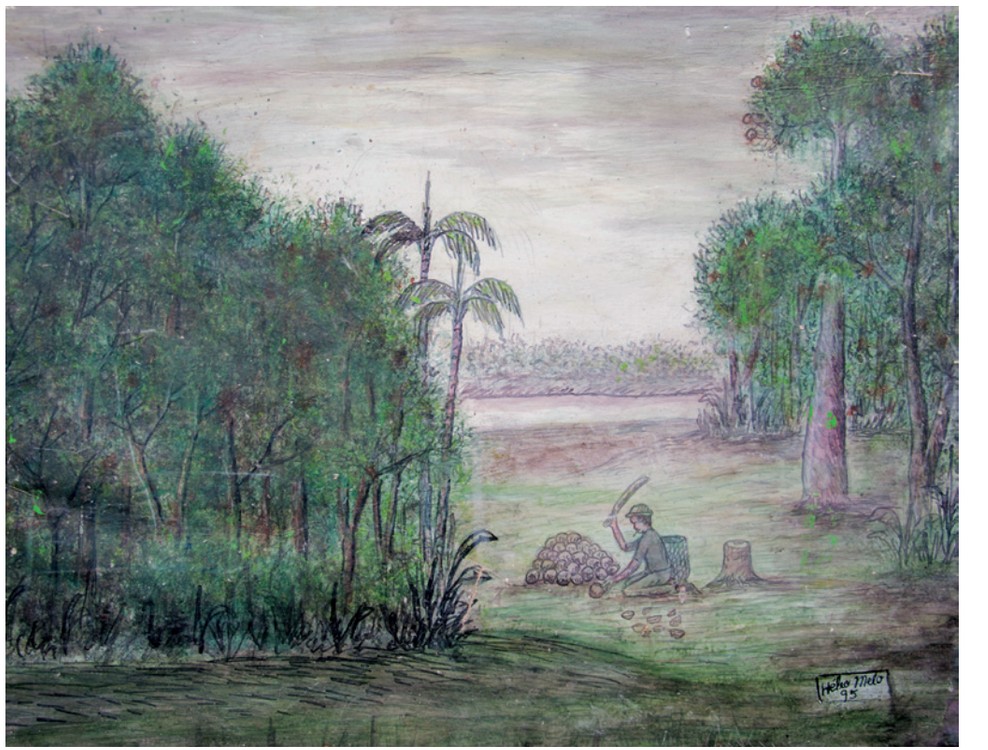
O seringueiro II, 1998
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 34,8 x 46,0 cm
Estado do Acre, Epitaciolândia, acervo de Fátima Melo



A pescaria, 1996
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 34,7 x 45,8 cm
Estado do Acre, Epitaciolândia, acervo de Fátima Melo



Bebedeira, 1998
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 39,0 x 49,9 cm
Estado do Acre, Epitaciolândia, acervo de Fátima Melo



Quebrando castanhas, 1995
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 31,2 x 41,7 cm
Estado do Acre, Epitaciolândia, acervo de Fátima Melo



O lenhador, 1997
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 33,2 x 42,4 cm
Estado do Acre, Epitaciolândia, acervo de Fátima Melo



Casa à beira do rio, 1997
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 22,6 48,9 x 61,0 cm
Estado do Acre, Epitaciolândia, acervo de Fátima Melo



A beira do lago II, 1994
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 25,8 x 42,6 cm
Estado do Acre, Epitaciolândia, acervo de Fátima Melo



O navio gaiola, 1994
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 30,0 x 42,6 cm
Estado do Acre, Epitaciolândia, acervo de Fátima Melo



A beira do lago I, 1995
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 25,5 x 31,2 cm
Estado do Acre, Epitaciolândia, acervo de Fátima Melo



O caçador I, 1998
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 33,0 x 45,5 cm
Estado do Acre, Epitaciolândia, acervo de Fátima Melo



A cidade de Rio Branco, 2000
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 30,5 x 39,5 cm
Estado do Acre, Epitaciolândia, acervo de Fátima Melo



A embarcação, 1996
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 28,9 x 43,7 cm
Estado do Acre, Epitaciolândia, acervo de Fátima Melo



O caçador, 1994
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão –
161,7 x 138,3 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo da Fundação Municipal de Cultura
Garibaldi Brasil



Cortando seringa no jirau, 1993
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão –
55,1 x 43,9 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo da Fundação Municipal de Cultura
Garibaldi Brasil



O veado, 1995
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 26,7 x 30,7 cm
Estado do Acre, Epitaciolândia, acervo de Fátima Melo



Cortando seringa, 1995
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 41,0 x 61,7 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo da Fundação Municipal de Cultura Garibaldi Brasil



Transportando borracha, data não legível
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 42,1 x 49,5 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo privado de Judson Ferreira Valentim



O seringueiro I, 1996
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 38,4 x 39,3 cm
Estado do Acre, Epitaciolândia, acervo de Fátima Melo



A chegada do palhaço Rufino no seringal, 1994
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 105,9 x 120,4 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo privado sob a guarda de Darci Seles

Lendas da mata

"Em 1874, os exploradores chegaram em Boca do Acre pela primeira vez, havia um índio velho chamado Camicuã que dizia ter matado um Mapinguari.

Contava ele, que este animal era grande, forte, tipo corpo humano, com um só olho no meio da testa. Seu couro era cascudo e suas unhas afiadas. Gritava como se fosse uma pessoa, e se alguém respondesse ele logo viria ao seu encontro.

O Mapinguari escalava um pixé tão forte que se a pessoa trepasse em uma árvore e não tivesse bem segura entre os galhos, caía embriagada com o mau cheiro.

Era encontrado nas terras firmes gerais, isto é, terras altas, com chapadas e grotões. Porém, de vez em quando, dava uma busca nas margens dos rios causando terror aos índios.

Para matar esse tipo de animal, estes corriam perigo de vida porque a flecha teria que acertar no olho ou no umbigo. Essa história é uma lenda, mas de repente ainda existe Mapinguari na floresta."

Trecho extraído da Cartilha *Mistérios da Mata*
"Do seringueiro para o seringueiro",
de Hélio Melo, publicada em 1987



Mapinguari, 1996 (Réplica)
Técnica: tinta óleo sobre chapa metálica – 200,0 x 121,0 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo do Parque Ambiental Chico Mendes



Curupira, 1996 (Réplica)
Técnica: Tinta óleo sobre chapa metálica – 150,0 x 121,0 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo do Parque Ambiental Chico Mendes



Mãe da mata, 1996 (Replica)
Técnica: Tinta óleo sobre chapa metálica – 150,0 x 121,0 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo do Parque Ambiental Chico Mendes



Matinta Pereira, 1996 (Réplica)
Técnica: Tinta óleo sobre chapa metálica – 150,0 x 122,0 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo do Parque Ambiental Chico Mendes



Caboclinho da mata, 1996 (Réplica)
Técnica: Tinta óleo sobre chapa metálica – 150,0 x 121,0 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo do Parque Ambiental Chico Mendes



2º Distrito em 1962, 2000
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre tela – 80,7 x 100,8 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo do Palácio Rio Branco



Pescaria, s/d
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre tela –107,0 x 94,8 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo do Palácio Rio Branco



Escolinha da Esperança Seringal, 1998
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 48,5 x 63,8 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo do Memorial dos Autonomistas



Navio ou Gaiola, 1998
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 48,5 x 63,8 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo do Memorial dos Autonomistas



Encerramento do Mobral, 1996
Técnica: Nanquim e extrato de folhas eucatex – 44,7 x 55,5 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo do Memorial dos Autonomistas



Transformação da seringueira, 1999
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre tela – 121,1 x 101,2 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo da Escola Municipal Hélio Melo



Cidade Rio Branco, 1998
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 64,1 x 49,3 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo do Museu da Borracha



Transportando borracha, 1988
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 48,0 x 49,3 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo do Museu da Borracha



A visita da vaca, 1994
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 47,0 x 61,7 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo da Fundação Municipal de Cultura Garibaldi Brasil



O homem e o Burro, 1984
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 52,0 x 66,5 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo do Museu da Borracha



Tempo dos Coronéis, 1983
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 42,0 x 60,8 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo do Museu da Borracha



Transformação da seringueira, 1984
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 44,5 x 31,0 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo do Museu da Borracha



Cortando seringa, 1994
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – sem dados sobre medidas
Estado do Acre, Rio Branco



Transportando borracha, 1997
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 53,5 x 68,5 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo do Museu da Borracha



Tirando Açaí, 1984
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 45,0 x 60,0 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo do Museu da Borracha



O Tapiri, 1984
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 41,8 x 54,9 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo do Museu da Borracha



O seringal, 2000
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 107,0 x 120,3 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo do Gabinete do Governador do Estado do Acre



Quebrando castanha, 1988
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 57,7 x 46,5 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo do Gabinete do Governador do Estado do Acre



Quebrando castanha, 1999
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre tela – 101,3 x 120,8 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo do Gabinete do Governador do Estado do Acre



Resenha, s/d
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre madeira – 89,6 x 87,0 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo do Museu da Borracha



Seringueiros trabalhando, s/d (Réplica)
Pintura mural
Estado do Acre, Rio Branco, Colégio Estadual Barão do Rio Branco



Terra Indígena, s/d
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 40,6 x 50,6 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo privado de Dalmir Ferreira



Instrumentos do seringueiro, 1983
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre compensado – 176,8 x 116,6 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo da Usina de Arte



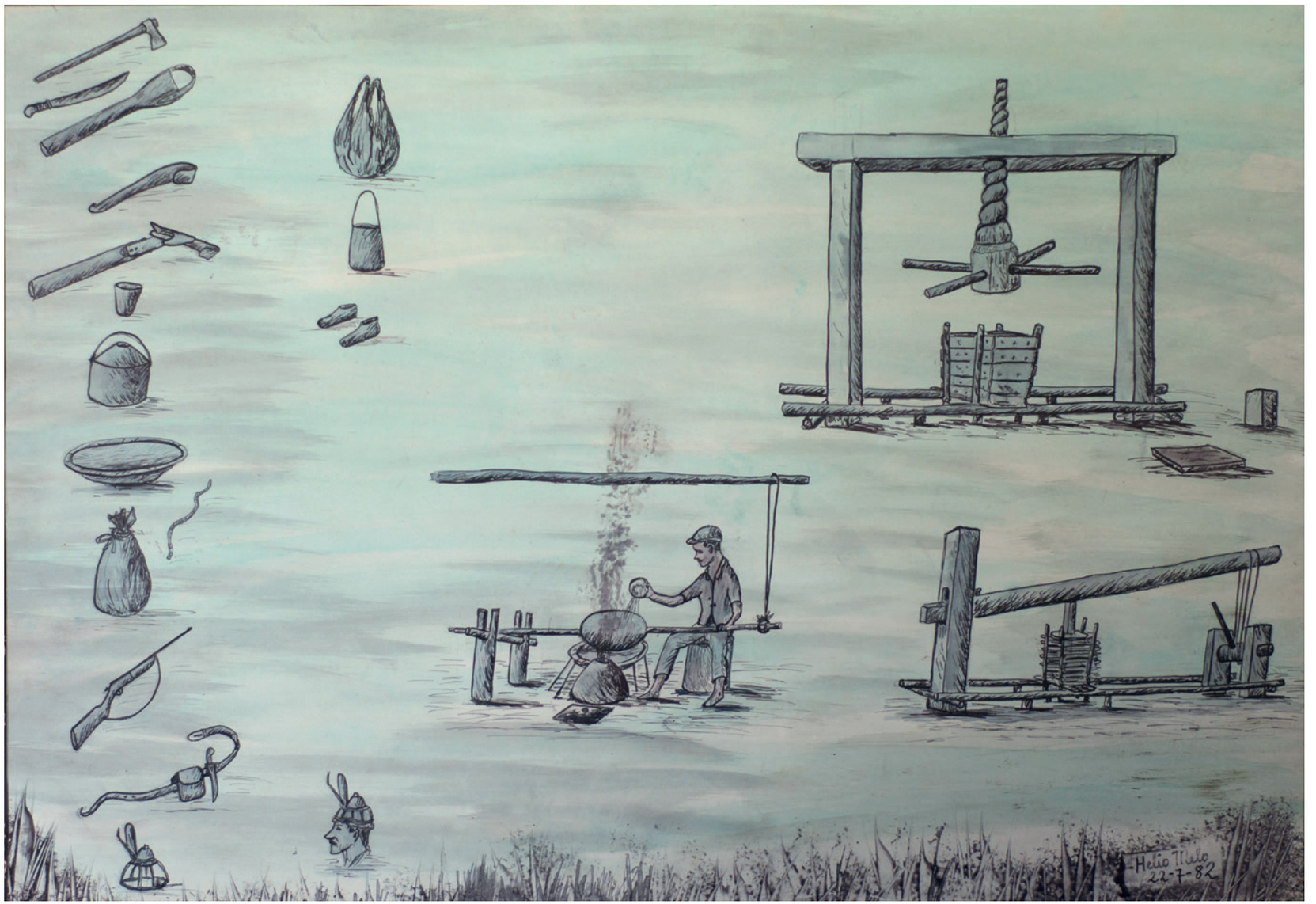
O seringueiro defumando o látex, 1983
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre compensado – 111,5 x 151,5 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo da Usina de Arte



Derrubada, s/d (Réplica)
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre compensado – 176,8 x 116,6 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo da Usina de Arte



Seringal, s/d (Obra inacabada).
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 55,9 x 71,1 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo privado de Dalmir Ferreira



Ferramentas do seringueiro, 1982
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 44,9 x 63,0 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo privado de Dalmir Ferreira



Cortando seringa, 1988
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre compensado – 76,0 x 55,0 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo da Usina de Arte



Mapa da estrada, 1983
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre compensado – 110,0 x 206,0 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo da Usina de Arte



O Serrador, 1982
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 50,9 x 60,5 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo privado de Liberalino Alves de Souza



Seringal, 1985
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 42,8 x 56,0 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo do Museu da Borracha



O entardecer, 1985
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 48,6 x 63,6 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo privado de Marcos Vinicius das Neves



Tapiri II, 1994
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 39,0 x 26,0 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo de Fátima Melo



Seringal, s/d
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 39,7 x 47,7 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo do Serviço Social do Comércio - SESC/AC



Seringal II, 1984
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 48,7 x 62,0 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo privado de Marcos Vinicius das Neves



Quebrando castanhas, 1995
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 39,7 x 47,7 cm
Estado do Acre, Plácido de Castro, acervo de Fátima Melo



Tempo dos Coronéis, 1999
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre tela – 100,0 x 100,0 cm
Estado do Acre, Plácido de Castro, acervo de Fátima Melo



Animais na floresta, 1981
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 43,3 x 49,5 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo do Serviço Social do Comércio - SESC/AC



Trabalhadores, 1980
Técnica: Nanquim sobre papel cartão – 38,2 x 49,0 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo doServiço Social do Comércio - SESC/AC



Animais na floresta II, 1981
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 32,5 x 43,2 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo privado de Antônia Francisca Oliveira



Embarcação Rio Amazonas, 1996
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre eucatex – 37,0 x 45,0 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo privado de Mariana Pantoja



Navio Madeira Marmoré, 1998
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 45,0 x 56,6 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo privado de Marcos Vinicius das Neves



O caçador, 1987
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 30,0 x 32,0 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo privado de Rosemary Martins da Costa



Transformação da seringueira III, 1997
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 40,0 x 45,0 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo privado de Valdo Nicácio



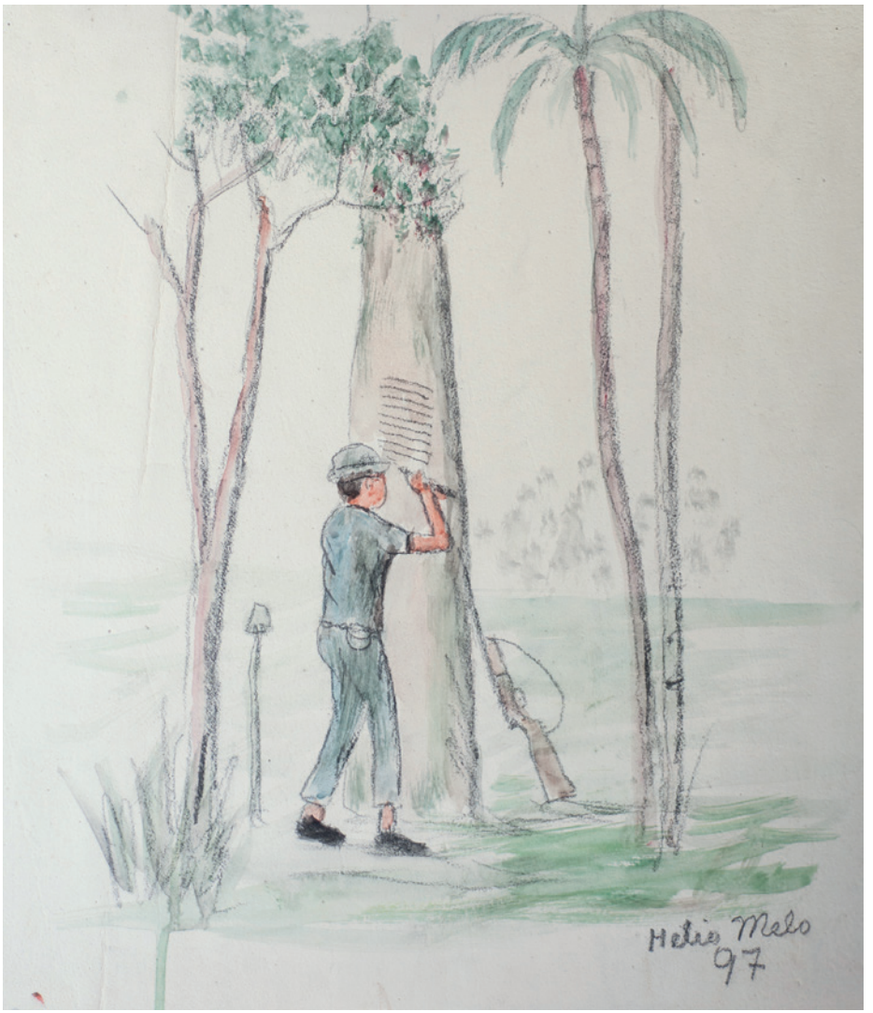
Mata, 1981
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 37,9 x 45,4 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo privado de Marília Bomfim



O caçador, 1989
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 32,5 x 43,2 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo privado de Antônia Francisca Oliveira



O seringueiro e a Onça, 1983
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 45,0 x 58,0 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo do Museu da Borracha



Cortando seringa, 1997
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 40,0 x 36,1 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo privado de Dalmir Ferreira



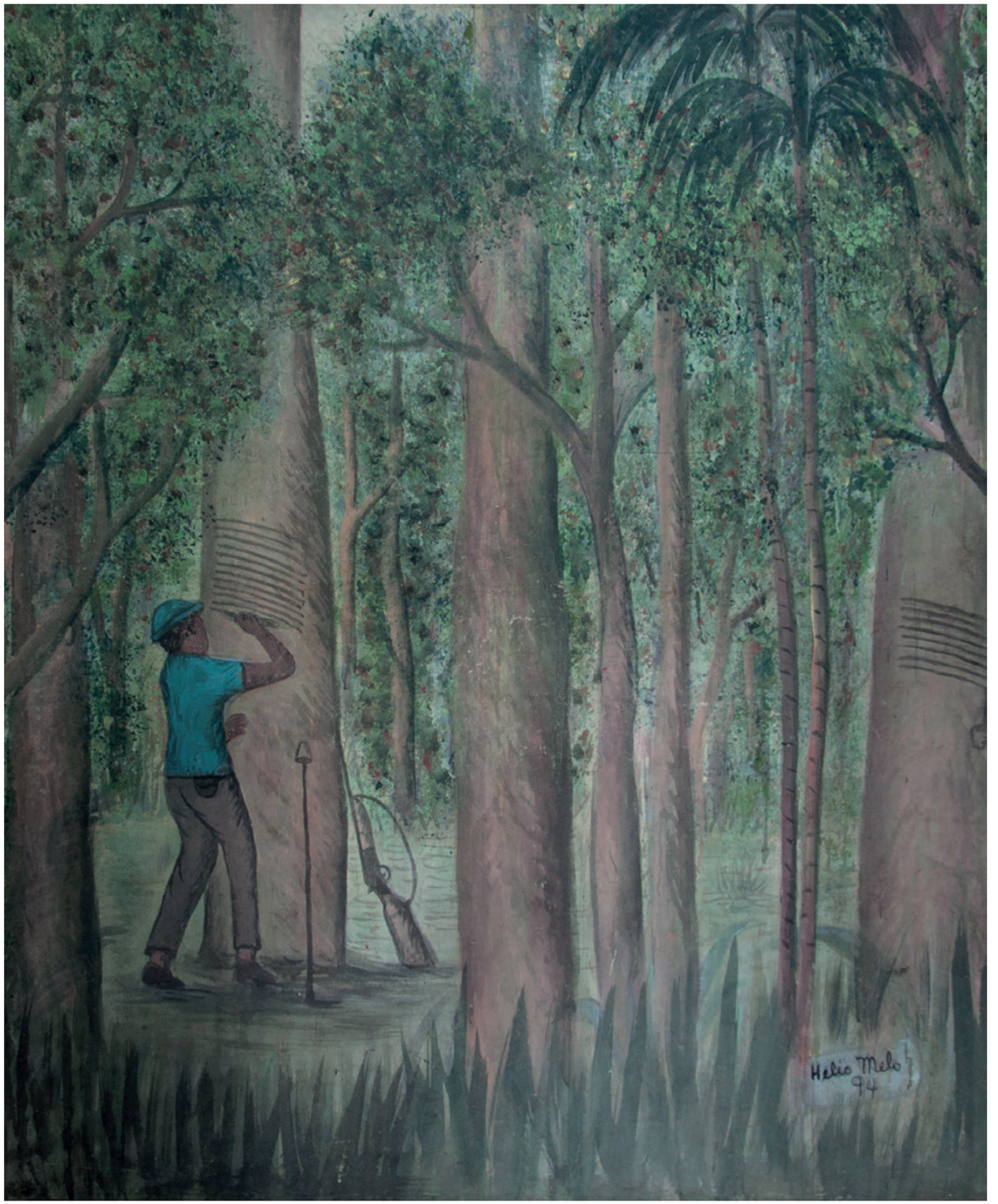
Enfrentando a onça, s/d
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 41,6 x 36,5 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo privado de Dalmir Ferreira



Seringueira, 1990
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 39,8 x 32,5 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo privado de Liberalino Alves de Souza



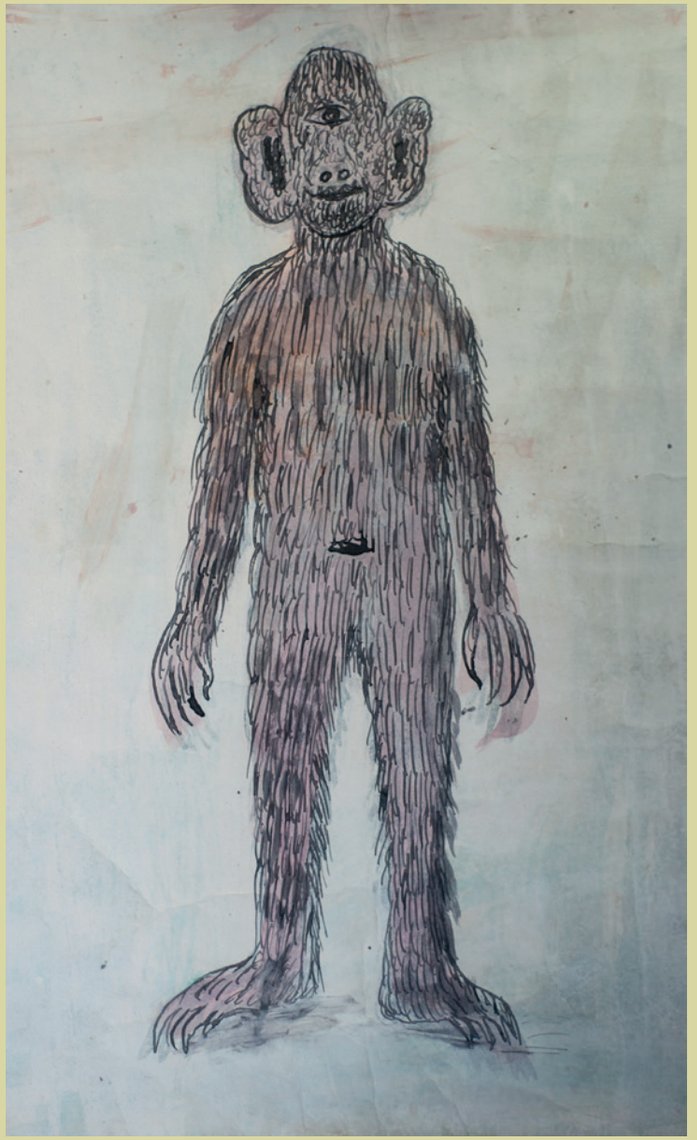
Cortando seringa no jirau, 1983
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 56,0 x 43,8 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo da Fundação de Cultura e Comunicação Elias Mansour



Cortando seringa, 1994
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 55,1 x 46,2 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo privado de Judson Ferreira Valentim



Veados, sem data
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão
– 32,5 x 59,0 cm
Estado do Acre, Rio Branco,
acervo privado de Francis Mary Alves de Lima



Mapinguari, s/d
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – }66,0 x 51,4 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo privado de Dalmir Ferreira



O Mapinguari I, s/d
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 82,2 x 47,4 cm
Estado do Acre, Epitaciolândia, acervo de Fátima Melo



Cortando seringa no jirau, 1980
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 45,0 x 56,6 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo privado de Marcos Vinicius das Neves



Plantação, 1980
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 37,6 x 45,4 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo do Serviço Social do Comércio - SESC/AC



Pernambucana, 1984
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 45,0 x 60,0 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo do Museu da Borracha



Sobrevivendo, Século XX
Técnica: Nanquim e extrato de folhas sobre papel cartão – 63,2 x 62,7 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo do Museu da Borracha



Seringueiro defumando, 1980
Técnica: Nanquim sobre papel cartão – 23,9 x 33,8 cm
Estado do Acre, Rio Branco, acervo privado de Darci Silva Seles

Os Mistérios da mata

Do seringueiro para o seringueiro

Ilustrações
4ª Cartilha Popular: "Os Mistérios da Mata - Do Seringueiro para o Seringueiro"), 1986
Pintura sobre papel cartão realizada com extratos de folhas da Amazônia
Estado do Acre, Rio Branco, acervo privado sob a guarda de Dalmir Ferreira

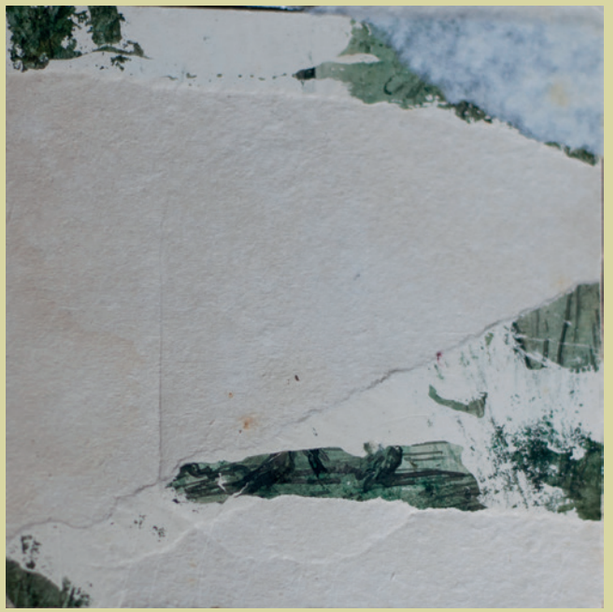


Ilustração 01 - Capa



Ilustração 02 - *O Mapinguari*



Ilustração 03 - *História de Mapinguari*



Ilustração 04 - *História de Mapinguari*

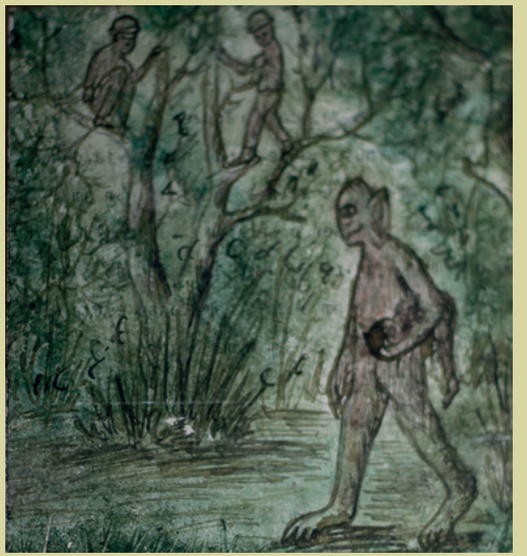


Ilustração 05 - *História de Mapinguari*

"Um senhor por nome Teodoro, era seringueiro do dito seringal, ele era um homem disposto que de nada tinha medo. Contudo um animal desconhecido fez com que perdesse a coragem."

Hélio Melo



Ilustração 06 - *O Susto de Teodoro*



Ilustração 07 - *O Susto de Teodoro*



Ilustração 08 - *O Susto de Teodoro*



Ilustração 09 - *O Pé de Ouriço*



Ilustração 10 - *A Onça Pé de Boi*



Ilustração 11 - *História de F. Marques*



Ilustração 12 - *História de Zacarias*



Ilustração 13 - *O Bom Mateiro*



Ilustração 14 - *O Seringueiro Malandro*



Ilustração 15 - *O Seringueiro Malandro*



Ilustração 16 - *Barreiro Mal Assombrado*



Ilustração 17 - Barreiro Mal Assombrado



Ilustração 18 - Barreiro Mal Assombrado



Ilustração 19 - *A Mãe da Mata*



Ilustração 20 - *A Prática e Vocação*

"...Disse então o Caboclo: - esta é a vocação dele, doutor!
O doutor ficou tão desafinado que não teve se quer uma resposta para dar ao Caboclo.
Daí em diante o doutor passou a ser amigo do Caboclo e reconheceu que a sabedoria é um dom que já vem do berço."

Hélio Melo



Ilustração 21 - A Mentira



Ilustração 22 - *A Mentira*



Ilustração 23 - *A Mentira*



Ilustração 24 - *A Mentira*



Ilustração 25 - *A Mentira*



Ilustração 26



Ilustração 27



Ilustração 28



Ilustração 29



Ilustração 30

"Em alguns lugares da mata, existem certas plataformas que deixam o homem nervoso. Dizem que no Alto Purus havia um barreiro mal-assombrado, onde as pessoas tinham de esperar no decorrer do dia, pois a noite apareciam luzes, assobios e outras coisas mais..."

Hélio Melo


RIO AMAZONAS



Bibliografia

CALDAS, Dorian Gray. **Helio Melo: O despertar da consciência edênica**. Disponível em: <http://cenasecoisasdavida.blogspot.com.br/2008/10/artigos_11.html>. Acesso em: 11 abr. 2013.

CARVALHO, Francione O.. **O território do significado: a identidade na poética de Hélio Melo e Rubem Valentim**. Mneme (Caicó. Online), v. v.13, p. 48-58, 2012. Disponível em: <http://periodicos.ufrn.br/index.php/mneme/article/view/1788/1542>. Acesso em: 11 abr. 2013.

CASTRO, Rossini de Araújo et al. **Sociologia do trabalho na obra de Hélio Melo**. Disponível em: http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/cpa/rossini_de_araujo_castro.pdf. Acesso em: 10 abr. 2013.

CYPRIANO, Fabio. **Pouco conhecido, artista do Acre vai ser estrela na Bienal**. Pinturas feitas pelo ex seringueiro Hélio Melo são "descobertas" pela curadoria da mostra. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1503200606.htm. Acesso em: 10 abr. 2013.

D'AMBROSIO, Oscar. **Hélio Melo - A poética do seringal**. Disponível em: http://www.portalentretextos.com.br/gerarpdf/5,4629.html. Acesso em: 10 abr. 2013.

FABRIS, Anateresa; FABRIS, Mariarosaria. ***A Função Social da Arte: Candido Portinari e Graciliano Ramos. Revista Instituto Estadual Brasileiro, , São Paulo, 1995***. Disponível em: http://www.ieb.usp.br/publicacoes/doc/rieb38_1349119185.pdf. Acesso em: 13 agosto 2013.

FERREIRA, Edmilson. **A tecnologia na pintura de Hélio Melo**. Disponível em: http://www.agencia.ac.gov.br/index.php?option=com_content&ltemid=26&id=2359&lang=pt&task=view&bsb_midx=1. Acesso em: 11 abr. 2013.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN-AC). **Inventário de obras de pintura, Desenho e de outras artes de Hélio Melo.** Rio Branco/AC, 2013.

LAPPIS - INTEGRALIDADE SEM FRONTEIRAS (Rio de Janeiro) (Ed.). **Arte de Hélio Melo no XII Seminário**. Disponível em: http://www.lappis.org.br/site/noticias-do-seminario/511-arte-de-helio-melo-no-xii-seminario.html. Acesso em: 11 abr. 2013.

PINTO, Sônia Maria de Carvalho. ***A controversa pintura de Anita Malfatti.*** Tese apresentada à Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Filosofia, 2007 . Disponível em: http://www.fflch.usp.br/df/site/posgraduacao/2007_doc/2007_doc_soniamcarvalho_258pgs.pdf. Acesso em 13 agosto 2013.

PROJETO PORTINARI., Apresentação. Disponível em: http://www.portinari.org.br/#/pagina/candido-portinari/apresentacao. Acesso em: 13 agosto 2013.

REVISTA RAIZ. CULTURA DO BRASIL (SP) (Ed.). **Popular X Erudito: Ícones**. Disponível em: http://revistaraiz.uol.com.br/portal/index.php?option=com_content&task=view&id=404&ltemid=193. Acesso em: 11 abr. 2013.

SANTORO JÚNIOR, Antonio. **Breve análise de uma obra de arte**. 1ªed. [s.l.]: Grafistyl, 1976. Disponível em: http://dc226.4shared.com/doc/cfjiRkcQ/preview.html Acesso em: 10 abril 2013.

SILVA, Edjane Alves. **A estética na obra de Hélio Melo no Acre**. Monografia para a conclusão do curso de Artes Visuais do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília. Rio Branco, 2011. Disponível em: http://www.slideshare.net/Vis-UAB/monografia-edjane-alves-silva. Acesso em 07 maio 2013.

CASTRO, Rossini de Araújo, STORI, Norberto, SANCHEZ, Petra Sanchez, **Sociologia do Trabalho na Obra de Hélio Melo.** Artigo. Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas, 2011. Disponível em: http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/cpa/rossini_de_araujo_castro.pdf


Helio Melo
9-81


obra. Helio Melo
cópia. V. Rios 2002

Este livro foi composto com a família tipográfica Abadi MT Std.

cecor

UFMG BELAS ARTES

IPHAN Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

SECRETARIA ESPECIAL DA **CULTURA**

MINISTÉRIO DO **TURISMO**

GOVERNO **FEDERAL**

Hélio Melo

Edições IPHAN